
PERSPECTIVAS DO “MOSTRAR”: A PROPÓSITO DE UM ENSAIO SOBRE WITTGENSTEIN

PERSPECTIVES OF “SHOWING”: ABOUT AN ESSAY ON WITTGENSTEIN

*Sérgio Luís Persch*¹

Resumo:

Com base num artigo publicado por E. A. de Azevedo, estudaremos o papel do mostrar, para além do dizer, conferido à linguagem no *Tractatus logico-philosophicus*. Isso nos permite reconsiderar os possíveis vínculos entre Wittgenstein e Spinoza. As diferentes maneiras de mostrar correspondem aos diferentes modos de percepção ou gêneros de conhecimento que Spinoza expôs reiteradamente em suas obras diversas e que também estão subentendidas no exame da Escritura feito no *Tractatus theologico-politicus*. Assim dispomos de elementos conceituais para aprofundar a relação aparentemente apenas anedótica entre o *Tractatus logico-philosophicus* de Wittgenstein e o *Tractatus theologico-politicus* de Spinoza.

Palavras-chave: Wittgenstein; Spinoza; linguagem; conhecimento.

Abstract:

Based on an article published by E. A. de Azevedo, we will study the role of showing, in addition to saying, given to language in the *Tractatus logico-philosophicus*. This allows us to reconsider the possible links between Wittgenstein and Spinoza. The different ways of showing correspond to the different modes of perception or types of knowledge that Spinoza repeatedly exposed in his works and that are also implied in the examination of Scripture made in the *Tractatus theologico-politicus*. Thus we have conceptual elements to deepen the relationship apparently only anecdotal between Wittgenstein's *Tractatus logico-philosophicus* and Spinoza's *Tractatus theologico-politicus*.

Keywords: Wittgenstein; Spinoza; language; knowledge.



¹ Professor do Departamento de Filosofia da UFPB.

Introdução

O professor Edmilson Alves de Azevedo possui um conhecimento vasto em filosofia e literatura, mas, enquanto pesquisador, ocupa-se mais com a problemática da linguagem: tanto no que se busca nela em termos de uma fundamentação social e política, quanto no que tange aos limites da linguagem tais como têm sido abordados pelos filósofos contemporâneos. Além de leitor e escritor, Edmilson também é um professor bastante distinto, inspirando-nos até hoje com os seus ensinamentos e, principalmente, pelo exemplo de vida. Gostaríamos de começar fazendo uma descrição sumária desse seu *curriculum vitae* dinâmico.

Olhamos carinhosamente para o filósofo e professor Edmilson em quatro perspectivas diversas, que também tomaremos a liberdade de denominar de quatro “dimensões”. A justificativa para nos utilizarmos dessa expressão aparecerão ao longo do texto.

Seriam, pois, as quatro dimensões seguintes:

a) Temos em primeiro lugar o estudioso, pesquisador, desenvolvendo seus estudos para fins de habilitação profissional. Em seus cursos de mestrado e doutorado, Azevedo se debruçou sobre a problemática da linguagem numa perspectiva habermasiana. Os resultados referenciais desse seu desenvolvimento prolixo do assunto se encontram na dissertação de mestrado, *Dialética e Razão em Jürgen Habermas*, e sua tese de doutorado, *Linguagem e Filosofia: A Razão e suas Vozes*, concluídas respectivamente em 1988 e 2002. Cumpre notar que Azevedo é também um assíduo analista de conjunturas políticas, sempre ocupado em processar os debates atuais e jornalísticos ancorando-os em pressupostos históricos e sociológicos que demonstram um conhecimento profundo de traços culturais da nossa nação e de outras. Penso que, em parte, a sua habilitação profissional o capacitou para tanto.

b) Num segundo momento aflora, ao longo dos muitos anos de magistério, a indagação acerca dos problemas fundamentais da linguagem, esses que resultam num questionamento radical da ciência e das instituições modernas. A isso se deve o seu interesse por autores como Hölderlin e Wittgenstein, dentre outros. Relativamente à temática do mestrado e doutorado, as publicações que caracterizam esse momento parecem ter mais o caráter de um esboço, um ponto de partida para reflexões continuadas. São análises mais sucintas, em que se evidencia a magistral capacidade do autor de *mostrar* algo. Nós exploraremos nessa perspectiva o seu ensaio sobre Wittgenstein.

c) Uma terceira dimensão expressiva de Edmilson Azevedo se encontra em seus diários de anotações. Enquanto a sua produção impressa traz sempre indícios de um professor filósofo que tem resistência e certas dificuldades no uso das ferramentas tecnológicas de produção gráfica e publicação de textos, os diários revelam um usuário incansável da caneta esferográfica. Acerca desse material, poderia se dizer, conforme certa vez afirmou um crítico acerca do *Breve Tratado de Spinoza* - livreto descoberto em forma de manuscrito e, portanto, não publicado em letra de forma - que não possui “validade científica”. Mas cumpre notar que isso pode ser interpretado, não como uma deficiência dos manuscritos e, sim, da ciência: resultado conclusivo e reproduzido em série, a palavra impressa pode até *dizer* o que é ou o que deve ser, mas já não traz consigo a capacidade de *mostrar* a ação intrínseca à expressão. Em vez disso, a linha contínua traçada pela mão traz em seu curso as emoções do escritor, os tropeços rasurados, o labor e o prazer do ato

criativo. E se perguntarem a Baruch de Spinoza ou a Emilson Azevedo: por que ainda insistem em polir lentes ou escrever textos manualmente, já que dispomos de máquinas de polir e de escrever? - A resposta de um certamente coincidiria com a do outro: o verdadeiro ganho não está no resultado da ação, mas na ação enquanto tal. Noutras palavras, trata-se de uma *Ética*, não de uma “Economia”.

d) Temos, enfim, o Edmilson vivente que está por trás dos *Lebensprobleme* que ele procura debater enquanto problemas filosóficos fundamentais. Um ser que não se deixa descrever objetivamente, mas, talvez com o jogo de linguagem do qual faremos uso ao longo deste texto, poderíamos chamá-lo de ser *sub specie aeternitatis*. Reflexo dele se deixa ver nas centenas de árvores que vem semeando há décadas (cajueiros, cajazeiras, jatobás etc.), que povoam o campus da UFPB, bem como as vias e os espaços públicos ao entorno. Há um vínculo imanente entre o Azevedo, fundador da Revista *Problemata*, e o Edmilson semeador de plantas nativas.

Os estudos realizados por Edmilson Azevedo naquele segundo momento são os mais adequados para vir de apoio a este texto e, portanto, tomaremos como referência específica o seu artigo “Dizer e mostrar em Ludwig Wittgenstein”, publicado na *Problemata* em 2014. Além de pertencer a um período já bastante maduro de suas pesquisas, é também o período em que tivemos um convívio bastante próximo, colegas no Departamento de Filosofia da UFPB. Embora o artigo dele não faça uma referência explícita à relação entre Wittgenstein e Spinoza, que procuraremos traçar, o que nos encoraja a fazê-lo é todavia a reminiscência de várias conversações que tivemos ao longo desse tempo de convívio, sobre Spinoza e sobre autores e temas diversos da filosofia moderna.

Embora a problemática como um todo e a abordagem do *Tractatus Logico-Philosophicus* feita por Azevedo sejam bastante complexas e, a nosso ver, demandariam de um estudo laborioso para revelarem todo o alcance, há pontos específicos que nos conduzem como que pela mão e abrem as portas para um espaço no qual podemos refletir sobre modos bastante elementares de existência e percepção da realidade. Dentre elas, destacaremos apenas um, qual seja, o da “figuração” da realidade e de como essa figuração se mantém vinculada, em última instância, a certa apreensão sensível do mundo - ou melhor: de que não existe uma dicotomia ou um dualismo entre a expressão da linguagem e o que por ela é exprimido. Certamente, isso restará bastante vago em nossa incipiente abordagem de Wittgenstein. Porém, em não sendo falsa, pensamos que ela serve de chave de leitura para entender o que, em outros termos, chama-se de monismo em Spinoza. Dessa forma, gostaríamos de contribuir, também, para estreitar os laços entre Wittgenstein e Spinoza, que já foram objeto de estudo de diversos especialistas. Conforme diz Marcus Aenishänslin,² o Tratado de Wittgenstein seria “uma transposição moderna da doutrina de Spinoza”, e o estudo de Azevedo vem nos oferecer uma chave para abrir uma perspectiva específica dessa relação.

Azevedo se debruça sobre um debate essencial contido no *Tractatus* de Wittgenstein - a diferenciação entre *dizer* e *mostrar* - e aponta logo para uma situação crítica que disso resulta. A solução radical novamente dá ensejo a um problema radical:

² Marcus Aenishänslin desenvolve esse estudo em sua tese de doutorado, publicada em forma de livro em 1993, conforme consta nas referências bibliográficas.

embora a solução obtida mostrava precisamente que tudo que se pode tentar legitimamente *dizer em filosofia tinha sido* [resolvido], os problemas filosóficos considerados geralmente como os mais urgentes e mais importantes, mas os *Lebensprobleme* não teriam nem mesmo aflorado. (AZEVEDO, 2014, p. 64)

Referindo-se a esses problemas essenciais da vida que restam ser postos e resolvidos, Azevedo certamente não faz uma crítica à obra de Wittgenstein no sentido de que ela não tenha alcançado o seu fito, mas chama atenção para o que resta a ser feito com o desfecho da obra, essa obra que, conforme as palavras do próprio autor, serve como uma espécie de “escada” que o bom entendedor “deve jogar fora após ter subido por ela”, ou seja, “ele precisa superar as proposições [subir os degraus - *die Sätze überwinden*] e então verá o mundo de verdade” (WITTGENSTEIN, prop. 6.54)³. Uma proposição radical cujo sentido se aprofunda com a saga existencial extravagante do filósofo austríaco. Seria, o *Tractatus logico-philosophicus*, uma espécie de escrito derradeiro de filosofia, uma escada a se jogar fora após o uso? Seriam os problemas vitais (*Lebensprobleme*) inacessíveis por qualquer discurso e relegados à esfera daquilo sobre o que simplesmente nada se pode dizer? E enfim, qual seria a condição essencial a se impor como uma espécie de teorema não codificável ao filósofo, após este concluir um livro que se revela como o primeiro e último livro de filosofia?

Mas apesar desse desfecho inusitado do livro, que parece não ficar devendo nada às mais radicais formulações do solipsismo moderno e inclusive do niilismo, este corolário daquele, é, em primeiro lugar, interessante o quanto restou a ser falado no debate que o livro instaura. Em segundo lugar - e é ali que nos deteremos um pouco mais -, sob os caracteres das sentenças declarativas que constituem o livro descortinam-se encontros à primeira vista bastante insólitos, como esse já mencionado entre Wittgenstein e Spinoza, bem como entre um leitor filósofo como Edmilson de Azevedo.

Tomamos por hipótese de que a distinção entre o dizer e mostrar, a possibilidade de mostrar algo que definitivamente não pode ser dito num discurso positivo, é uma condição prévia para que os “problemas da vida” possam aflorar finalmente. Claro, eles certamente não podem ser expostos por conta dos limites intransponíveis do dizer. Mas então seriam mostrados? Entretanto, em que sentido seriam mostrados? Quer parecer que não poderia ser no sentido de uma indicação objetiva, um mostrar dêitico, tal como fazemos quando apontamos com o dedo para um objeto e dizemos: “este é um cajueiro”, “aquela estrela é a estrela da manhã”, etc. Com efeito, esse gênero de identificação, empiricamente verificável, é a pedra de toque do positivismo científico que aqui está em jogo. Mas em não sendo isso, o que restaria de palpável em todo o horizonte que, enfim, o filósofo é capaz de mostrar? Não seria um devaneio subjetivo, solipsista, o drama do filósofo que supõe ter escrito o derradeiro livro de filosofia? Ou então seria mostrar o nada, uma espécie de experiência niilista que no fim das contas a ciência positiva é capaz de tolerar, mas que em nada contribui objetivamente com ela? Nesse caso, a filosofia, tal como a religião, corresponderia a uma atitude pensante totalmente distinta e incomunicável com a ciência. Assim somos conduzidos à duvidosa fronteira do místico e, à primeira vista, não há outro referencial mais adequado para se pensar numa relação entre Wittgenstein e Spinoza. Este, num contexto em que a ciência ou

³ Para citar Wittgenstein, utilizamos apenas a numeração das proposições, sendo que nossa obra de referência é a edição eletrônica de 2022 indicada nas referências bibliográficas.

consciência ocidental moderna ousava se auto afirmar como esclarecida, foi também mais e mais aproximado de uma perspectiva mística, holística. Hegel talvez tenha as expressões mais objetivas, na medida em que aborda o problema do indeterminismo na filosofia de Spinoza, pelo que afirma Hegel ser mais coerente pensar num acosmismo em vez de um ateísmo:⁴ uma qualificação pacífica e que certamente faz mais sentido do que as anteriores intrigas em torno de um debate teológico-político.

Seria esse, pois, o provável encontro entre Wittgenstein e Spinoza, nesses termos um encontro indeterminável num lugar indeterminável. Contudo, esse domínio místico, ao qual se vincularia o conhecimento intuitivo de Spinoza e o *ver sub specie aeternitatis* que é comum a ambos os filósofos, necessita de uma interpretação que tome como referência eles próprios, ao invés de qualquer outro princípio determinante, como por exemplo a dialética hegeliana. E nesse sentido, cremos ser possível também aprofundar a relação entre Wittgenstein e Spinoza, a qual não salta aos olhos com as simples informações anedóticas que se tem acerca do assunto.

Com efeito, a referência mais concreta da relação entre Wittgenstein e Spinoza é o fato de que o título do livro do filósofo austríaco do séc. XX, *Tractatus Logico-Philosophicus*, seria uma homenagem ao *Tractatus theologico-politicus* do filósofo holandês do séc. XVII. Contudo, enquanto uma simples homenagem, advinda como que casualmente por conta de uma sugestão do filósofo, amigo e contemporâneo de Wittgenstein, George Edward Moore, a escolha do título não seria suficiente para assinalar uma efetiva aproximação entre as duas obras, entre os dois autores. Pelo contrário, as expressões “lógico-filosófico” e “teológico-político” soam muito mais antitéticas do que sintéticas, bem como os seus desfechos: enquanto o autor do *Tratado teológico-político* assegura que cada um deve ter “a liberdade de pensar aquilo que quiser e de dizer aquilo que pensa” (SPINOZA, 2003, p. 310), o autor do *Tratado lógico-filosófico* encerra com a proposição conclusiva: “do que não se pode falar, deve-se calar” (WITTGENSTEIN, Prop. 7).

Marcus Aenishänslin estabelece uma relação entre o *Tractatus* de Wittgenstein e a *Ética* de Spinoza, com o que, de cara, ele evita essa aparente posição dicotômica entre um tratado teológico-político e um tratado lógico-filosófico. O estudo de Edmilson Azevedo nos permite também pensar numa aproximação conceitual que virá em apoio à de Aenishänslin. Ao seguirmos essa via, não descartamos uma possível relação profícua entre os dois tratados mencionados acima, até porque as obras de Spinoza mantêm uma unidade bastante coesa por conta dos pressupostos metodológicos da filosofia de Spinoza. Mas também, cumpre-nos destacar de modo absolutamente elementar que a sentença restritiva de Wittgenstein - “do que não se pode falar, deve-se calar” - não é de forma alguma antagônica relativamente à sentença permissiva de Spinoza - cada um deve ter “a liberdade de pensar aquilo que quiser e de dizer aquilo que pensa”. E nesse sentido, será importante frisar que a sentença de Wittgenstein é de cunho estritamente lógico-filosófico, ao passo que a de Spinoza, teológico-político.

A noção de figuração parece abrir caminho para um lugar em que se pode perceber uma relação profícua entre Wittgenstein e Spinoza. É com ela que Wittgenstein adentra na questão da distinção entre dizer e mostrar e da

⁴ Diz Hegel: “Não se pode dizer que spinozismo seja ateísmo. Antes trata-se do contrário do ateísmo, o acosmismo. O mundo não tem um ser verdadeiro. Não existe o mundo. Deus, somente Deus é”. (HEGEL, 2001, p. 58).

caracterização específica do mostrar. Conforme afirma Azevedo, “a figuração ou forma de representação só pode ser mostrada, exibida, jamais dita”. (AZEVEDO, 2014, p. 66)

A pergunta que gostaríamos de colocar nesse ponto é: qual o princípio elementar e/ou maximamente universal de figuração para um e outro desses filósofos. Como resposta, temos que para Wittgenstein é a lógica: “Toda figuração é *também* lógica. (No entanto, nem toda figuração é, por exemplo, espacial)” (WITTGENSTEIN, Prop. 2.182); para Spinoza, é geométrica, conforme se antevê no título da sua obra principal: *Ética, demonstrada em ordem geométrica*. Isso quer parecer que no séc. XVII, de alguma forma, foi possível pensar a geometria como um princípio tão amplo de figuração, de sorte que qualquer outro, como por exemplo o de uma lógica predicativa, haveria de se subscrever àquele. De fato, o sentido das noções de substância, atributo, modo, Deus, definidos no começo da *Ética* de Spinoza, não se deixam elucidar tomando como referência à tábua das categorias aristotélicas, mas sim, elas se conjugam e articulam entre si segundo uma figuração geométrica. A própria definição de “causa de si” se vincula em primeiro lugar com a definição de coisa finita e tanto ela quanto a definição de Deus estão irrestritamente ligados à decifração geométrica da infinitude da extensão. Frente a essa concepção maximamente qualificada de extensão, o conceito técnico que a ciência elabora para lidar com a extensão é muito mais restrito e, por isso, para Wittgenstein, nem toda a figuração lógica é espacial. O próprio Spinoza já advertia os cartesianos de que o número restrito de dimensões que se pretende subscrever à extensão, embora de alguma forma permita que se possa dizer positivamente algo acerca do espaço, não dá conta de mostrar o que é a extensão em sua essência. A mecânica, segundo ele, só consegue infringir movimento a um corpo em repouso por força de causas externas, uma vez que não lhe confere “nenhum outro atributo além de ser longo, largo e fundo (...); porém, nós estabelecemos anteriormente que a Natureza é um ser do qual se afirmam todos os atributos e, sendo assim, nada lhe pode faltar para produzir o quanto há para produzir” (ESPINOSA, 2012, pp. 61-2).

O paralelo entre os conceitos de dimensão e de atributo (utilizado aqui segundo pressupostos geométricos do método de Spinoza) permite-nos argumentar que Spinoza assenta na própria geometria o princípio elementar de figuração, o qual Wittgenstein atribui à lógica. Spinoza poderia dizer tranquilamente que “toda a figuração é *também* geométrica”. E esse “*também*”, grifado na proposição de Wittgenstein, receberia em Spinoza um sentido bastante peculiar, que salvo engano nosso *também* pode lhe ser atribuído na proposição de Wittgenstein. No caso, ele se fundamenta justamente na relação entre a substância e os atributos. “Por atributo entendo aquilo que o intelecto percebe da substância como constituindo a essência dela” (*Ética*, parte I, def. 4). “Deus, ou seja, a substância que consiste em infinitos atributos, dos quais cada um exprime uma essência eterna e infinita, existe necessariamente”. Id., *ibid.*, prop. 11)⁵. Dentre os atributos constitutivos dessa substância, temos a extensão e o pensamento. Isso quer dizer que toda coisa ou parte da substância (*res sive pars substantiae*) é expressa *também* pelo pensamento, exatamente assim como *também* é expresso pela extensão. No caso da essência humana: ela se expressa enquanto alma e *também* se expressa enquanto corpo, mas é numericamente uma só. Não há qualquer relação causal entre corpo e alma (pois a causalidade se dá somente entre os corpos e a ela corresponde a concatenação das

⁵ Utilizamos a tradução da *Ética* constante na bibliografia.

ideias), e somente de um modo inadequado podemos falar sequer de paralelismo. Pois sendo ideia e corpo numericamente um, na verdade não é uma coisa que está paralela a outra coisa. Seria como dizer que numa linha, o seu lado esquerdo é paralelo ao seu lado direito. Trata-se de um paralelo em última instância inadequado, porque a linha não possui largura (condição geométrica para se estabelecer um paralelo).

Observa-se que o *também* não funciona como um aditivo, mas sim, como expositivo e, enquanto tal, diz algo essencial na concepção geométrica da realidade. Algo é tão mais real, quanto mais atributos ou dimensões possuir. E ao invés de nos lançar num absoluto indeterminismo (acosmismo), a fórmula de Spinoza pretende dar conta da absoluta determinação do real. Em vez de tudo ser impossível, tudo é necessário). Tampouco (e menos ainda) poderia se falar aqui de ateísmo. “Monoteísmo” sim, porque *Deus sive Natura* é um só. Mas no caso, seria o deus hebraico levando a palma e desbancando os deuses gregos? Também não. O deus hebraico é um constitutivo necessário da cultura hebraica e os deuses gregos são constitutivos necessários da cultura grega. São divindades imaginadas e, assim como a figura de deus que esboço a partir de mim mesmo, são todas não só possíveis, mas irrestritamente necessárias, pois é isto que se mostra para este ser que sou. O que não posso pretender é *dizer* que a minha figura é mais verdadeira do que a dos outros.

Assim acreditamos nos tornar aptos a interpretar a seguinte passagem de Azevedo: “Os problemas dos limites do pensamento em Wittgenstein remetem às questões da ética e do místico. Para ele a ultrapassagem do pensamento além de seus limites é algo de não ético e indica uma impossibilidade”. (p. 69) O místico é indizível. Se, pelo contrário, quiséssemos cobrir com a validade de um dizer apofântico tudo o que potencialmente determinados atos particulares de fala são capazes de mostrar, isso seria no mínimo antiético, mas no contexto histórico em que Spinoza escreveu o seu *Tratado teológico-político*, faria parte dos devastadores conflitos teológico-políticos.

Entretanto, essa função de mostrar o que se depreende do ato de dizer não deixa de ser um constitutivo essencial da linguagem; uma função, em última instância, indeterminada, no sentido de que toda a determinação é uma limitação - o dizer determinado do discurso positivo.

* * *

Num esquema bastante simplificado, Fabian Gippelsröder identifica três planos diferentes em que se descreve o “mostrar” no *Tractatus* de Wittgenstein. No primeiro plano “a proposição mostra o que diz” (Prop. 4.1212), ou seja, ela mostra a si mesma. Nesse sentido, poderia se falar de uma identidade entre dizer e mostrar, ou então um paralelismo tal como o descrevemos acima. Num segundo plano, haveria uma espécie de mostrar transcendental, de modo que, ao mostrar o que diz, a proposição traz em si própria as condições de possibilidade do mostrar, que são independentes do que se mostra ou diz figuradamente neste ato específico de fala. Enfim, há uma terceira espécie de mostrar, que vai se tornando cada vez mais importante no avançar do *Tratado* de Wittgenstein e que, em última instância, foge de todo o sentido determinável. Como algo que se furta do próprio ato de falar por se tratar de algo indizível, “esse mostrar já não se mantém subordinado à soberania do falante” (GOPPELSRÖDER, 2010, p. 105. Ele se revela como o “mostrar-se místico

e, na proposição 6.45 recebe o atributo de ‘visão do mundo sub specie aeterni’” (Prop. 6.45).

Esse esquema é muito interessante, porque permite uma aproximação mais elucidativa entre Wittgenstein e Spinoza. Especificamente, ele corresponde ao esquema dos modos de percepção ou gêneros de conhecimento, que Spinoza expõe várias vezes em diferentes obras. A primeira forma de mostrar identificada por Gippelsröder em Wittgenstein corresponde ao primeiro gênero de conhecimento de Spinoza: restringe-se à opacidade da palavra e permite que adquiramos conhecimento por um “ouvir dizer” ou pela “experiência vaga” da repetição. A segunda forma de mostrar corresponde ao segundo gênero de conhecimento, o conhecimento racional. É assim que conhecemos as coisas em perspectiva, porque estamos em relação com elas e elas estão dispostas entre si numa determinada relação. Enfim, a terceira forma de mostrar corresponde ao conhecimento intuitivo de Spinoza, pelo qual “a coisa é percebida pela sua própria essência ou pela causa próxima” obtido “intuitivamente, sem realizar operação alguma” (SPINOZA, 1988, pp. 82-84).

O esquema dos gêneros de conhecimento também é inerente ao exame da Escritura, no *Tratado teológico-político* de Spinoza. E por isso, podemos estabelecer também esse paralelo entre o *Tractatus logico-philosophicus* e o *Tractatus theologico-politicus*.

As três formas de mostrar se ajustam perfeitamente com aquilo que Spinoza desenvolve acerca das profecias no capítulo I do *Tratado teológico-político*. Enquanto o profeta é portador da palavra ou do conhecimento, a profecia é esse mesmo conhecimento revelado por Deus ao homem, ou seja, é o modo como Deus se revela ao homem por intermédio da imaginação. De modo parecido, ele também se revela à razão. Mas há ainda uma outra forma pela qual Deus se revela ao ser humano, que é o da intuição imediata, sem intermédio de qualquer imagem. Este modo intuitivo, porém, já não é passível de ser explicitado discursivamente. A intuição, que é conhecimento estritamente intelectual, não discursiva. Este papel cabe à razão, que se dispõe a dialogar com o amor e a concupiscência, a fim de *mostrar* através do discurso como se dá o conhecimento intuitivo, conforme o primeiro diálogo do *Tratado breve* (ESPINOSA, 2012, pp. 63-65).

Sendo assim, o que vincula o *Tractatus logico-philosophicus* e o *Tractatus theologico-politicus* não parece ser apenas uma homenagem casual do filósofo do séc. XX ao filósofo do séc. XVII. Longe da idade clássica da razão e também do entusiasmo ora romântico, ora positivista do esclarecimento, o *Tractatus* de Wittgenstein questiona a linguagem a partir dela própria e chega a resultados que impõem limites às pretensões de esclarecimento da razão moderna. Seria, então, o exame da linguagem feita no *Tractatus logico-philosophicus* de uma urgência filosófica e histórica equivalente ao exame da Escritura levada a cabo no *Tractatus theologico-politicus*? É o questionamento que nos ocorre, corroborado pela atmosfera de incertezas que o século XX nos legou.

Azevedo é um estudioso que se ocupou profundamente com a razão e o discurso, procurando em filósofos como Jürgen Habermas uma boa fundamentação do discurso, com vistas a uma sociedade ética e politicamente estruturada. Não obstante, seu espírito inquieto o compeliu aos problemas dos limites da linguagem, pelo que ele ultrapassa a fronteira da filosofia e dialoga também com a literatura. Nessa busca, ele escreve o artigo sobre Wittgenstein, que tomamos como principal

referência do nosso estudo. No artigo, ao mesmo tempo em que explora um dos problemas fundamentais do *Tratado lógico-filosófico*, chama atenção de modo sumário e enigmático para aquilo que ainda está para ser feito. A se crer no *Tratado* de Wittgenstein, a questão da filosofia restaria liquidada, a solução de Wittgenstein mostrava “*que tudo que se pode tentar legitimamente dizer em filosofia*” tinha sido resolvido, “*mas os Lebensprobleme não teriam nem mesmo aflorado*”. A conclusão a que chegamos é que esses problemas fogem da esfera do dizer, mas que é da vocação do filósofo, mostrá-los de alguma forma. Inclusive, há casos em que a saga existencial do filósofo o testemunha para além de tudo o que ele nos lega por escrito, como é o caso dos turbulentos “anos perdidos” de Wittgenstein, do excomungado e polidor de lentes Spinoza e, enfim, do inveterado plantador de árvores, Edmilson Alves de Azevedo.

Referências

AENISHÄNSLIN, Marcus. *Le Tractatus de Wittgenstein et l'Éthique de Spinoza: étude de comparaison structurale*. Basel: Birkhäuser Verlag, 1993.

AZEVEDO, Edmilson Alves. Dizer e mostrar em Ludwig Wittgenstein. *Problemata: International Journal of Philosophy*. v. 5, n. 1, p. 64-93, 2014. DOI: 10.7443/problemata.v5i1.20251. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/20251> Acesso em: 10 fev. 2023.

ESPINOSA, Baruch de. *Tratado teológico-político*. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ESPINOSA, Baruch de. *Breve tratado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ESPINOSA, Baruch de. *Ética*. São Paulo: Edusp, 2015.

HEGEL, G. W. F. *Vorlesungen über die Logik* (Berlin, 1831). Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2001, v. 10.

GOPPELSRÖDER, Fabian. “Bild, Sagen, Zeigen, Wittgensteins visuelles Denken”. In *Papers of the 33rd Internatinal Wittgenstein Simposium* im Kirchberg am Wechsel, 2010.

SPINOZA, Baruch de. *Tratado de la reforma del entendimiento*. Madrid: Alianza Editorial 1988.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. Logisch-philosophische Abhandlung. First published by Kegan Paul, London, 1922. Side-by-side-by-side Edition, 2022. (Containing the original german, alongside both the Ogden/Ramsey and Pears/McGinness english translations. Available at: <http://people.umass.edu/klement/tlp/>

Recebido em: 03/2023
Aprovado em: 04/2023